

# POR UMA COMUNICAÇÃO A CONTRAPELO – ENTREVISTA COM VALDIR DE CASTRO OLIVEIRA

FOR COMMUNICATION AGAINST THE GRAIN – INTERVIEW WITH VALDIR DE CASTRO OLIVEIRA

PARA UNA COMUNICACIÓN A CONTRACORRIENTE – ENTREVISTA A VALDIR DE CASTRO OLIVEIRA

## Adriano De Lavor

■ jornalista, Doutor em Comunicação e Saúde (Icict/Fiocruz) e Mestre em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). É Editor da Revista Radis – Comunicação e Cultura e integrante do GTCOM da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco).

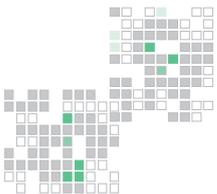
■ E-mail: [delavor@ensp.fiocruz.br](mailto:delavor@ensp.fiocruz.br)

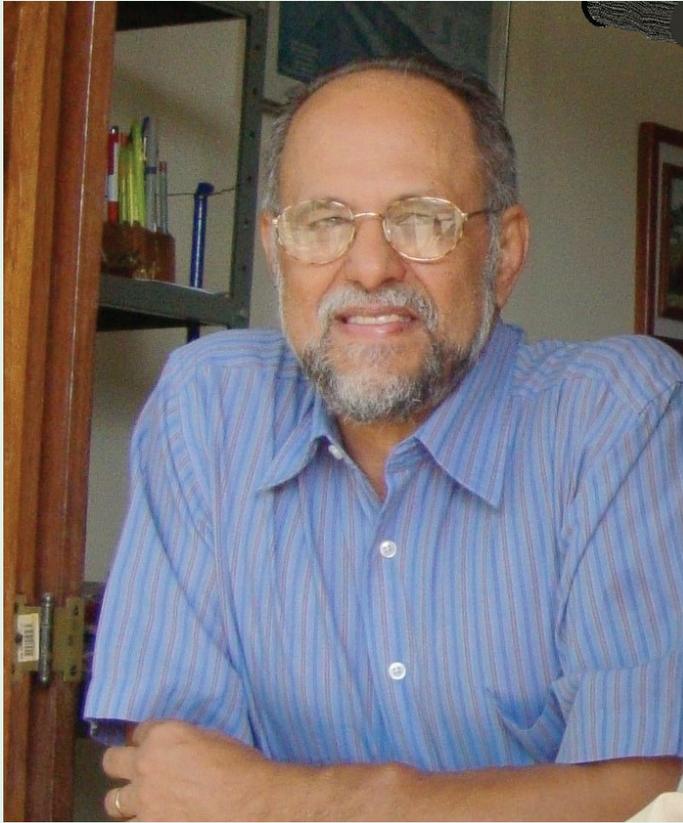
## Inesita Soares de Araujo

■ Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), pesquisadora titular da Fiocruz, atua no ICICT/Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde, onde coordena o Observatório Saúde nas Mídias. É professora do PPGICS e atual coordenadora do GTCOM/Abrasco.

■ E-mail: [inesitaaraujo@gmail.com](mailto:inesitaaraujo@gmail.com)

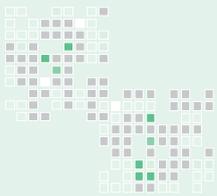
327





## Valdir de Castro Oliveira

Nosso entrevistado é professor, pesquisador e comunicador comprometido com pessoas e coletividades que vivem condições de fragilidade ou de negação dos seus direitos, atuando em diversas frentes e modos. Admirador do projeto democrático do SUS, teve e tem participação importante na constituição e consolidação do campo da Comunicação e Saúde no Brasil. Doutor em Ciências da Comunicação (USP), foi professor da PUCMinas, da UFPB e da UFMG. Após se aposentar, dedicou-se ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) da Fundação Oswaldo Cruz. É referência nas áreas de participação e mobilização social, mídias comunitárias, controle social e jornalismo. Em Brumadinho (MG), onde reside, atua no jornalismo comunitário e foi editor e apresentador do programa “De Olho na Notícia” da Rádio InterFM, de 1995 a 2008.



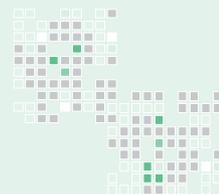
**Se olharmos o campo da Comunicação e Saúde pelo prisma de suas vinculações à Saúde Pública e mais especificamente à Saúde Coletiva, poderíamos dizer que no Brasil ele foi impulsionado pela instituição do SUS - Sistema Único de Saúde?**

Sem dúvida alguma foi, embora possa dizer também que a Comunicação sempre esteve presente nos serviços brasileiros de saúde pública muito antes da emergência do SUS e deste campo que hoje chamamos de Comunicação e Saúde. A comunicação utilizou vários tipos de suportes como rádio, jornais e revistas, mas também meios alternativos como o clássico almanaque do “Biotônico Fontoura” que, em um contexto de endemias rurais, levava informações relevantes sobre saúde para o homem do campo. Entre 1960 a 1990, a disponibilidade informacional sobre a saúde esteve plasmada através do binômio Comunicação & Desenvolvimento, dentro do paradigma comunicacional intitulado difusionista, que se propunha a transportar conteúdos considerados desenvolvimentistas, através das instituições e agências de desenvolvimento, para diferentes receptores, entre eles os da saúde. Neste mister, os serviços de extensão rural se tornaram pródigos em trabalhar pedagogicamente a Comunicação para mudar a mentalidade dos grupos rurais através do uso de técnicas comunicacionais derivadas do chamado campo da Difusão de Inovações que, por sua vez era tributário das áreas de Sociologia e da Economia Rural. Este tipo de comunicação se popularizou e se intensificou em toda a América Latina, cujas ideias foram sintetizadas no livro “*Communication of Innovations*” (1971) de Everett M. Rogers e F. Floyd Shoemaker. Este paradigma, no entanto, vinha sendo contestado na região, em especial pela obra de Paulo Freire, que criticava a sua base epistemológica a partir da extensão rural – que foi estudada por ele no Chile e resultou em seu clássico livro “*Extensão ou Comunicação?*”, publicado no Brasil pela editora Paz e Terra em 1971. Nesta obra, Paulo Freire destacou que a Comunicação não pode ser confundida com

a simples ideia de estender e difundir conteúdos informativos de um pólo a outro. Para ele, isto se contrapunha ao ideal de entender a comunicação como processo dinâmico de alteridade, encontro e reciprocidade entre os interlocutores. De certo modo, estes ideais coincidem com os princípios e as variáveis inclusivas e participativas propostas pelo SUS, os quais demandam a presença ativa da sociedade na formulação e execução das suas políticas públicas de saúde. Embora estejamos neste momento vivendo um clima de intolerância política e de duvidosa gestão do SUS, os seus pilares continuam firmes e, mais do que nunca, dependentes do campo da Comunicação e Saúde para ajudá-los a se manterem nos lugares em que foram esperançosamente plantados pelos seus idealizadores.

**Poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória, e como ela se articulou a grupos e instituições que incluíram a Comunicação e Saúde nas suas pautas e atuação?**

Lembro-me que em meados de 1970, quando ainda era estudante de Comunicação na PUC-Minas eu participei de um programa de extensão da universidade no Vale do Jequitinhonha, na época considerada uma das regiões mais subdesenvolvidas do mundo. No programa do Centro de Estudos e Pesquisas de Comunicação Comunitária (Cepecc), nós pesquisávamos e aplicávamos processos e técnicas de comunicação participativa como forma de mobilização popular. Um dos coordenadores do projeto era o professor Antônio Fausto Neto, e tínhamos como referências estudiosos da comunicação e desenvolvimento como Juan Dias Bordenave, Luis Beltrán e, principalmente, Paulo Freire, cuja proposta teórica e metodológica se contrapunha ao modelo de comunicação difusionista, em vigor nessa época. Lembro-me que em um dado momento, o diretor do Centro Regional de Saúde de Diamantina, que geograficamente localizava-se na entrada do Vale do Jequitinhonha, nos convidou para discutir com os técnicos locais de saúde a experiência

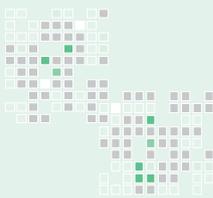


no Cepecc. Designado pelo professor Lélío Fabiano dos Santos, então diretor da Faculdade, fui encarregado para cumprir a tarefa. Depois de apresentar nossa experiência, os técnicos da saúde apresentaram os entraves que vinham encontrando no desenvolvimento dos seus trabalhos e questionaram de que maneira a comunicação poderia contribuir para superá-los. Naquele momento eu não soube responder bem a estas questões, mas, pela primeira vez, tomei conhecimento do papel interdisciplinar que a comunicação poderia ter em outros campos de conhecimento e principalmente em processos de mobilização social e política. Simultaneamente a experiência no Vale do Jequitinhonha, por volta de 1976 eu conheci o Centro de Investigação para a Reforma Agrária (Cencira), no Peru, por meio de um projeto da FAO/ONU que lá mantinha um núcleo de comunicação dirigido à população rural, com o objetivo de viabilizar e garantir o sucesso da radical reforma agrária que havia sido feita pelo governo Velasco Alvarado. O núcleo tinha à frente o espanhol Manuel Calvelo. Conhecer e tomar parte desta experiência por um ano me ajudou a aprofundar os meus estudos e pesquisas, e a entender como a Comunicação poderia se inserir nas várias dimensões da sociedade e mobilizar diferentes grupos sociais. Daí em diante fui tomando consciência das várias denominações que a Comunicação recebia neste campo e que, dependendo do contexto e do enfoque em que era invocada, era chamada de Comunicação Popular, Comunicação Participativa ou Comunicação Horizontal, entre outras denominações. Todas, no entanto, enfatizavam o paradigma dialógico que deveria haver entre os interlocutores se contrapondo ao modelo de simples transferência de informações de um pólo a outro, tal como preconizavam as teorias difusionistas. Foi também neste contexto que se deu a emergência do SUS, em meados da década de 1980, cujo paradigma político se aproximava bastante dos ideais de participação, interação e de mobilização social preconizado por estas modalidades comunicacionais, principalmente

no que dizia respeito às propostas de participação e deliberação da sociedade nas políticas públicas de saúde. Tais propostas se concretizavam através dos conselhos e das conferências de saúde em âmbito nacional, estadual e municipal, algo inédito em termos de políticas públicas brasileiras.

### Como o senhor se aproximou das discussões sobre Saúde?

Meu primeiro contato direto como comunicador no SUS se deu quase que por acaso. Por volta de 1993, quando era professor de Comunicação da UFMG, mudei-me com minha família para a comunidade do Inhotim, em Brumadinho, a 50 quilômetros de Belo Horizonte, onde hoje está instalado o Inhotim Museu de Arte Contemporânea. Já morando ali, juntamente com outros moradores, fundamos a Associação Comunitária do Inhotim. Em um dado momento, fomos informados de que a Secretaria Municipal de Saúde iria fazer na comunidade uma pré-conferência de Saúde, evento que antecederia a Conferência Municipal de Saúde a ser realizada na sede do município e que para isto contaria com a participação de outras comunidades, do gestor municipal e dos trabalhadores de saúde. Embora desconhecendo nessa época o significado dessas pré-conferências de saúde e mesmo do SUS, que ainda estava em fase de implantação em todo o País e no município. Discutimos, naquele momento, o que julgávamos ser os principais problemas de saúde da comunidade e deliberamos sobre a elaboração de um plano que nortearia as ações e as prioridades da Secretaria Municipal de Saúde até que adviesse uma nova conferência de saúde. Ao final da experiência, eu e outro morador fomos eleitos para representar a comunidade na III Conferência Municipal de Saúde e fui procurado por vários representantes comunitários que me pediram para que eu me candidatasse ao cargo de conselheiro no Conselho Municipal de Saúde, como representante dos usuários. Aceitei o convite e aos poucos fui me familiarizando com esse ambiente do campo da

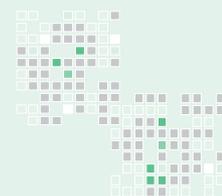


saúde e, mais particularmente, com o SUS. Fiquei maravilhado com a estrutura tripartite e paritária que envolvia democraticamente o gestor, os trabalhadores da saúde e os representantes da população e com a arena política por ela proporcionada – que garantia que todos, indistintamente, nela se manifestassem livremente e melhor, deliberassem sobre questões importantes da política municipal de saúde. Se por um lado fiquei encantado com esta estrutura, por outro constatei a precariedade da comunicação entre esta importante instância democrática e o restante da sociedade. Logo propus a criação de um boletim informativo do Conselho – que mais tarde seria transformado em um jornal impresso com circulação no município. Simultaneamente, como atuava em uma rádio comunitária local, a Rádio InterFM, ali mantinha um programa de ampla audiência intitulado “De Olho na Saúde” onde aproveitava para divulgar e discutir a importância das ações e das deliberações do Conselho e da Secretaria Municipal de Saúde. Essa experiência ficou registrada no livro “Os Alicerces da Utopia – Saúde e Cidadania no SUS de Brumadinho”, que publiquei em 1996. Nele, resgato a experiência pioneira de implantação do Programa de Saúde da Família em Brumadinho – na época cantado em prosa e verso como uma das principais inovações do Ministério da Saúde e do SUS – e relato como o Conselho discutiu e deliberou municipalizar o único hospital da saúde, até então em mãos da iniciativa privada, em uma época de intensas privatizações em todo o país. Neste livro, estimei os profissionais de saúde que ali atuavam a escrever e descrever as suas experiências nos setores em que atuavam e, juntamente com eles, escrevi dois artigos. Em um deles, discuti o SUS como uma utopia, comparando-a a uma espécie de travessia na qual tentamos assentar os nossos sonhos e esperanças, relacionando-os com a sua dimensão política, inclusiva e participava que proporcionava a diferentes segmentos sociais; em outro, relatei como se deu a implantação do Conselho Municipal de Saúde, acentuando que ele deve-

ria estar assentado em um modelo de comunicação solidário e participativo. A publicização da experiência de Brumadinho no campo da saúde ganhou tal relevância que rapidamente se transformou em várias pautas da mídia nacional. Lembro que, em um dado momento, o próprio presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, citou-a em seu programa semanal de rádio como um exemplo a ser seguido em todo o Brasil. O Conselho Municipal de Saúde de Brumadinho se tornou uma referência, resultando em um convite que me levou a debater, no Conselho Nacional de Saúde, o papel do Conselho e da Comunicação na estrutura do SUS como instâncias de controle social. Aos poucos, fui percebendo que minha trajetória acadêmica estava aos poucos sendo direcionada para o campo da Comunicação e Saúde, embora ainda desconhecesse o real significado da junção destes dois campos de conhecimento.

#### Como se deu a aproximação formal deste campo interdisciplinar?

Em 1995 recebi um telefonema da professora Áurea Pitta Rocha, então professora de Comunicação e Saúde da Fiocruz, convidando-me para participar do III Congresso da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), em Salvador (BA), e lá apresentar um artigo no GT de Comunicação e Saúde, refletindo sobre o campo midiático e a saúde coletiva. Embora assustado e inseguro, pois o campo da saúde ainda era uma novidade para mim, aceitei mesmo assim este desafio e, por esta via, pela primeira vez, tomei conhecimento da existência de um campo teórico e metodológico chamado de Comunicação e Saúde que vinha se formando diante da emergência e das demandas do SUS. Da mesma maneira, fiquei sabendo que a professora Áurea Pitta vinha aglutinando em torno de si alguns pesquisadores da Fiocruz e de outras instituições potencialmente interessados neste campo. Minha apresentação no congresso resultou em um artigo publicado em dois livros: “Comunicação e Saúde:



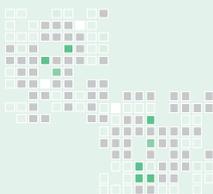
visibilidades e silêncios”, publicado em 1995 pela editora Hucitec/Abrasco, e “Epidemiologia: contextos e Pluralidade” publicado em 1998 pela Editora Fiocruz/Abrasco. A partir destas publicações, estabeleci um forte vínculo acadêmico com Áurea e ministrei palestras no Curso de Especialização em Comunicação e Saúde, no ICICT/Fiocruz, no Rio de Janeiro, quando conheci outros pesquisadores da área, como Janine Miranda Cardoso e Inesita Soares de Araújo, que já conhecia pelo fato de ser ela também ser originária do campo da Comunicação Rural e portadora das mesmas preocupações teóricas e metodológicas que eu tinha em relação a este campo de conhecimento. Neste vai e vem, convidei Áurea Pitta para participar da V Conferência Municipal de Saúde de Brumadinho para falar sobre o papel da comunicação no campo da saúde. Em 2008, fui convidado por Inesita Soares de Araújo para integrar o quadro de pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Informação e Saúde (PPGICS), também no ICICT. Nessa época, já aposentado desde 2005 da UFMG, passei a ter mais tempo disponível, apesar de na mesma época ter adquirido insuficiência renal crônica, o que me obrigou a fazer sessões de hemodiálise três vezes por semana em Belo Horizonte. Mesmo assim, decidi aceitar o convite para atuar no PPGICS, sob a condição de que permaneceria residindo em Brumadinho e só atuaria presencialmente uma vez por semana, ou seja, em um dos dias que não teria sessão de hemodiálise. Nestas condições viajei semanalmente, entre 2008 e 2019, para lecionar e orientar dissertações de mestrado e doutorado no Programa, que até hoje considero ter sido uma experiência ímpar para mim, permitindo-me a honra e o prazer de usufruir da experiência de pessoas altamente gabaritadas no campo da Saúde e da Comunicação. Ali orientei teses e dissertações sempre ligadas ao campo da mídia e saúde ou ao campo da comunicação e participação popular, principalmente trabalhos que abordavam questões relacionadas aos conselhos e as conferências de saúde, campo

que ainda carece de maiores pesquisas e diagnósticos para que efetivamente cumpram os princípios políticos e filosóficos preconizados pelo SUS.

**O senhor tem, atualmente, se dedicado a pensar a comunicação que emerge ativamente das populações locais quando devem fazer frente a eventos que atingem duramente seus direitos. Poderia nos falar mais a respeito?**

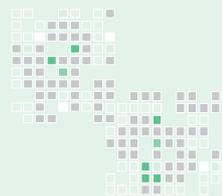
Em minha trajetória no campo da Comunicação, sempre participei das movimentações políticas de transformação da sociedade. Nos meus estudos iniciais sobre este campo preocupávamo-nos muito com os meios alternativos para se contraporem à verticalidade dos grandes meios de comunicação, derivados do que chamávamos de imperialismo cultural, e que explicavam o advento e a consolidação da comunicação de massa, cujo foco teórico amparava-se, principalmente, na chamada Escola de Frankfurt – representada por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Com o passar do tempo, este paradigma teórico passou a ser replicado na América Latina por outros autores, entre eles Eliseo Verón, na Argentina, Jesús Martín-Barbero, na Colômbia e Juan Diaz Bordenave, no Paraguai; no Brasil, também foi explorado por Luiz Beltrão, com sua conhecida proposta de folkcomunicação e por Antônio Fausto Neto, que foi meu orientador de mestrado em Sociologia Rural na UFPB, campus de Campina Grande. Sob sua orientação pesquisei a experiência da Rádio Guarani Rural, de Belo Horizonte, que, em ondas curtas e com patrocínio do Estado de Minas Gerais, manteve por vários anos uma inédita programação radiofônica diária totalmente dirigida ao meio rural<sup>1</sup>. A partir do diálogo com estes autores, aos poucos fui compreendendo que o processo de comunicação unilateral promovido pelas mídias, principalmente aquelas de largo

<sup>1</sup> Ver OLIVEIRA, Valdir de Castro. O mimetismo da realidade nos discursos da comunicação para o desenvolvimento rural: a experiência da Rádio Guarani Rural de Belo Horizonte. Universidade Federal do Pará/Pará/Campus de Campina Grande, Programa de Sociologia Rural, 1974.



alcance, não poderiam ser analisadas apenas pela dimensão dos conteúdos que transmitiam, mas sim pela tridimensionalidade que envolvia estas transmissões, ou seja, pelas suas condições de produção, de circulação e de reconhecimento, lições extraídas das leituras de Eliseo Verón, Michel de Certeau, Antônio Fausto Neto e Jesús Martín-Barbero, entre outros instigantes pesquisadores da comunicação. Com eles eu aprendi a conhecer estas instâncias da comunicação midiática e entendi que, em uma estrutura social tão desigual e eivada de preconceitos de raça e classe como acontece no Brasil, esta desigualdade política, simbólica e cognitiva era um fator determinante no resultado da comunicação. Isto me levou a crer que não bastava multiplicar as arquiteturas comunicacionais, mas também reinventar os seus modos de uso e capacitar os seus públicos para construir novos padrões cognitivos de ação e de interpretação da realidade que os cerca. E se os grandes meios eram e são até hoje hegemonicamente controlados por grupos empresariais e políticos e geradores de mensagens unidirecionais para os seus públicos, o avanço das plataformas digitais proporcionou outro tipo de suporte e de arquitetura comunicacional que sobrelevou a capacidade das pessoas e dos grupos a se transformarem de receptores passivos em emissores ativos de comunicação. Embora se possa e se deva questionar de que maneira esses suportes e essas mesmas arquiteturas também estão a promover hoje formas sutis de controle social e de criar a falsa sensação de livre manifestação e de participação em diversas instâncias nas esferas públicas da sociedade. Não obstante essas ponderações, descobri que esses novos suportes e arquiteturas comunicacionais trazem consigo o potencial de fazer com que diferentes grupos sociais possam não apenas se manifestar e interagir com outros grupos, mas também de se mobilizarem frente à violação de seus direitos ou de lutar pela ética e pela responsabilidade em relação a si mesmos e em relação à coisa pública. Também são capazes de promover, ao invés

de violência, intolerâncias e preconceito, um mundo mais plasmado pela solidariedade e pela compaixão entre as pessoas, com a sociedade e com o nosso planeta, que hoje está ameaçado de sucumbir pelo modo acelerado com que estamos dilapidando o meio ambiente e as outras espécies de vida. E, mesmo sabendo que a maior parte da comunicação contemporânea está hoje plasmada pelos princípios da linguagem do marketing, dos algoritmos da internet, pela intolerância política e pelo negacionismo dos valores científicos e de igualdade, como comunicadores creio que o nosso dever é o de insistir em seu potencial de nos reconciliar com a dimensão solidária e profunda da vida humana e com as outras formas de vida, como magnificamente nos ensinou Francisco de Assis e sinalizou o Papa Francisco, por meio da encíclica *Laudato Si* (Louvado seja). Nessa encíclica, o Papa invoca o exemplo desse santo que delirantemente se comunicava com Deus, com os homens e com os animais, colocando nesta comunicação a importância da solidariedade com tudo o que é frágil neste mundo: o próximo, os animais e a natureza como expressões da vida. E neste mister incluo o SUS, cuja estrutura descentralizada e solidária em relação à saúde pública do país o coloca como o melhor exemplo de generosidade e de solidariedade que o nosso país já teve em sua história – e que assim igualmente alimenta e nos desafia a pensar o campo da Comunicação e Saúde em sua potencialidade de exacerbar estes valores. Mas, como estas questões não emergem facilmente na sociedade e sempre esbarram em estruturas de poder, tenho ultimamente trabalhado a Comunicação com base nas premissas teóricas de alguns conhecidos autores, entre eles Walter Benjamin e Michel de Certeau. O primeiro propugna o que ele chama de construção de narrativas a contrapelo, ou seja, face às estruturas de poder e frente as narrativas hegemônicas, atores sociais situados nas partes baixas da hierarquia social de poder podem emitir suas interpretações sobre si mesmo e o mundo que os cerca, onde tentam valer seus direitos, histórias,



memórias e reivindicações. Já o segundo, Michel de Certeau, advoga o uso da inventividade frente a narrativas hegemônicas ou de poder pela instância mais fraca, princípios que desaguardam na ideia de mídia táctica – que pode ser invocada como uma forma de luta frente a estruturas desiguais de poder e de expressão. Se nestas estruturas o mais forte se vale da estratégia, o mais fraco se vale da táctica, de maneira que, neste terreno desigual de comunicação, o segundo se manifesta nos interstícios nos quais o primeiro tem pouco controle. Estas questões, por exemplo, estiveram muito próximas da prática comunicacional que desenvolvi junto à comunidade do Inhotim, entre 2003 e 2009, período em que foi instada a desaparecer para dar lugar, no mesmo território, ao Inhotim Museu de Arte Contemporânea, situação que gerou muita resistência e luta por parte dos moradores que não se conformavam em serem instados a deixar o território em que eles viviam onde seus ascendentes viveram desde meados do Século XIX. Como morador da comunidade nessa época e comunicador, vali-me muito das mídias locais frente a esta luta, aproveitando-me do fato de ter controle sobre elas (principalmente jornais impressos e rádio) para registrar no espaço público local as movimentações comunitárias que ali aconteceram entre 2003 a 2009, que culminariam com o desaparecimento da comunidade. Essa luta ficou registrada no do livro “Requiem para o Inhotim”, coletânea de poesias que retratam, sob a ótica dos moradores, os acontecimentos daquele período.<sup>2</sup> Essa luta foi também analisada por esse mesmo prisma comunicacional, através do artigo “Mídias Locais, memória e comunidade: um estudo sobre a cobertura das mídias locais sobre a história do desvanecimento da comunidade do Inhotim”<sup>3</sup>, apresentado no “I Colóquio Mediações e Uso de Sa-

beres e Informação: um diálogo França-Brasil”, em 2012. Da mesma maneira, a resistência da comunidade frente ao Inhotim Museu de Arte Contemporânea ficou também registrada através do programa radiofônico semanal “De Olho na Notícia”, veiculado na InterFM, oportunidade em que discutia tanto estas questões políticas quanto as de saúde na esfera pública local.<sup>4</sup>

**A pandemia do novo coronavírus ampliou a compreensão da importância fundamental da comunicação na sociedade. No contraponto, essa intensificação comunicacional ocorreu sobre um substrato de questões não resolvidas, debates não realizados, dilemas não superados. Para o senhor, quais são os desafios que as instituições e os atores da Comunicação e Saúde têm pela frente, nos campos da pesquisa, do ensino e da prática?**

Sem dúvida alguma que esta pandemia trouxe questões cruciais não apenas para o campo da Saúde, mas principalmente para o campo da Comunicação. Como não acredito que tais questões ocorram fora das práticas interacionais e de diferentes suportes e arquiteturas comunicacionais, isto impõe aos estudiosos da Comunicação o desafio de decifrar e simultaneamente propor novas questões para este campo, o que de certo modo implica em aprimorarmos os nossos estudos e pesquisas tanto sobre os velhos quanto os novos suportes e suas respectivas arquiteturas comunicacionais, principalmente aqueles proporcionados pela internet e que hoje abriga as redes sociais através das quais uma boa parte da população emite, faz circular e recebe mensagens, campo ainda carente de estudos mais aprofundados. Entre outras questões, avalio ser necessário refletir que, se por um lado esta modalidade de comunicação nos trouxe contrapontos

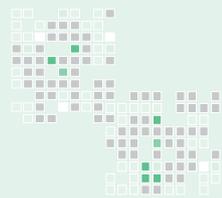
2 OLIVEIRA, Valdir de Castro. Requiem para o Inhotim. São Paulo, editora All print, 2010.

3 OLIVEIRA, Valdir de Castro. “Mídias Locais, memória e comunidade: um estudo sobre a cobertura das mídias locais sobre a história do desvanecimento da comunidade do Inhotim”. Rio de Janeiro, 2012, p. 438-450.

4 Esta experiência ficou registrada em artigo intitulado “Condições e contradições da utopia radiofônica comunitária”, publicado em forma de artigo no livro “O Rádio entre as montanhas – história, teorias e afetos da radiofonia mineira” organizado por Nair Prata e publicado pela Assembleia Legislativa de Minas Geais em 2010.

a unilateralidade transmissiva dos meios tradicionais de comunicação, por outro nos trouxe também diversos outros problemas. Antes de morrer, Umberto Eco avaliou essas formas de comunicação e concluiu negativamente que elas quebraram muitas barreiras simbólicas, mas nivelaram por baixo as práticas discursivas dos diferentes atores que falavam a partir de diferentes pontos da sociedade. Para ele, se antes havia o filtro proporcionado pelos lugares de fala de cada um e das instituições (associações populares, partidos políticos, movimentos sociais, escolas, sindicatos, entre outros), o que permitia a costura de vários discursos diante das movimentações sociais e políticas que ocorriam na sociedade, por outro lado a ausência destes filtros deu vazão a discursos desencontrados e a exagerados ceticismos que, sem nenhuma hierarquização simbólica, colocam em xeque muitas conquistas humanas como a democracia, as urnas eletrônicas, a vacina e a ciência – a partir da crença da existência de um complô comunista que pretende acabar com a liberdade de todos. Nessa condição, ao invés de esclarecerem, as novas mídias se transformaram em um campo perfeito para veiculação de diferentes teorias conspiratórias e das chamadas *fake news*, chegando ao absurdo do presidente da maior potência mundial insistir em fraude eleitoral e insuflar seus apoiadores a invadir o Congresso Nacional em nome da liberdade – numa tentativa de obstruir a cerimônia de confirmação das eleições presidenciais que elegeram Joe Biden para presidente da República dos Estados Unidos. De forma semelhante, o mesmo vem ocorrendo no atual contexto pandêmico provocado no mundo pela Covid-19. Teorias conspiratórias que daí advém podem comprometer o esforço de muitos governos e de muitos sistemas de saúde mundo afora, graças a descrenças por elas geradas e cujos absurdos sem tamanho nos sugerem que estamos diante de um desafio comunicacional exponencialmente muito maior do que aqueles com que nos defrontamos anteriormente através de nos-

sas análises comunicacionais. Tudo isto me leva a crer que, se ainda estamos diante do desafio de avaliar suportes e arquiteturas comunicacionais, estamos também diante da contingência de avaliarmos a comunicação a partir de valores e de processos e de solidariedade capazes de fazer frente a estrutura egoística imposta pela atual estrutura econômica neoliberal. Em contrapartida, cabe aos comunicadores sociais neste momento investir em estudos, pesquisas e práticas comunicacionais capazes de aumentar positivamente o capital simbólico e social dos interlocutores contemporâneos, a fim de evitar que sejam capturados pelo ceticismo e pelas teorias conspiratórias de alguns setores do campo da política e pelo contexto da pandemia do Covid-19 ao lado pandemia informacional que tomou conta do planeta em que muitos falam e poucos se entendem, dando margem a diversas construções simbólicas esquizofrênicas, quando não simplesmente fascistas. Isto aumenta exponencialmente a responsabilidade dos comunicadores (tanto os estudiosos quanto aqueles que agem diretamente na produção comunicacional), no sentido de agregar valores de esperança e de solidariedade, seja em relação à opressão social, seja em relação ao planeta e ao sofrimento humano. E aqui me valho da carona de um texto escrito por João Moreira Salles na revista Piauí (número 147, de dezembro de 2018, p. 28 a 32), no qual faz referência à encíclica *Laudato Si* (Louvado Seja), do Papa Francisco a qual fizemos referência anteriormente. Nesse artigo, ele nos chama a atenção de que cabe a nós, como criaturas de Deus e racionais, sermos solidários com tudo o que é frágil em nossa volta e que, nesta solidariedade incluo a ação e os estudos dos comunicadores na esperança de que possamos construir novas formas de comunicação centradas tanto nas fragilidades humanas quanto nas fragilidades do ambiente que nos cerca, com seus biomas e espécies de vida hoje ameaçados pelo nosso comportamento humano e plasmado por um neocapitalismo deletério.



### Algum exemplo recente pode ilustrar essa comunicação tática?

Foi com essa perspectiva que vivi e analisei a comunicação sobre a tragédia que ocorreu em janeiro de 2019 em Brumadinho, desde quando ocorreu o rompimento da barragem da empresa Vale na Mina Córrego do Feijão. Em um dos artigos que publiquei a este respeito intitulado “A Semântica do Eufemismo” apresentado em 2019 como aula inaugural do ICICT/Fiocruz e em outro intitulado “Comunicação tática, mobilização e dimensões sensíveis de uma tragédia: o caso da Vale em Brumadinho<sup>5</sup>, apresentado ao congresso do Pentálogo realizado em Alagoas, avalei as situações expressivas plasmadas pelo impacto desta tragédia que matou três centenas de pessoas, deixou milhares de pessoas desamparadas e provocou uma profunda degradação ambiental na região que afetou fortemente o cotidiano social e econômico da população local. Essas situações suscitaram na região diferentes formas e processos de movimentação e de expressão social e que assim puderam ser exponencialmente ampliadas pelas mídias convencionais e pelas redes sociais computadorizadas de comunicação<sup>6</sup>. Tais ações foram responsáveis por impulsionar e mobilizar vários atores sociais e institucionais, como o Ministério Público, a Justiça e grupos

como o Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB), além de artistas, associações ambientais ou de moradores, mídias convencionais e as redes sociais digitais que fizeram com que emergisse na esfera pública local diferentes narrativas, estórias humanas ou reivindicações por reparações morais e econômicas diante daquele acontecimento. Nesse cenário, pude avaliar de que maneira diferentes narrativas estiveram muito próximas daquilo que Walter Benjamin chamou de narrativas a contrapelo – um tipo de prática discursiva que mobilizou diferentes atores sociais, como o MAB, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) – por meio do acampamento Pátria Livre, do vizinho município de São Joaquim de Bicas –, os índios pataxós, recentemente radicados às margens do Rio Paraopeba e que foram igualmente afetados por essa tragédia. Essas movimentações políticas e discursivas feitas a partir da sociedade civil interferiram significativamente na prática discursiva da Vale que tentava se eximir-se da responsabilidade desta tragédia por ela considerada como um simples acidente. Confrontada pelas narrativas populares, ela voltou atrás nesta versão mudando o tom das publicações que vinha fazendo regularmente em grande parte da mídia nacional, passando a divulgar amplos comunicados institucionais nos quais afirmava não estar fugindo de suas responsabilidades e que estava agindo solidariamente ao lado das autoridades públicas e da população, tanto para recuperar o ambiente degradado pelo rompimento da barragem do Córrego do Feijão, quanto para indenizar e reparar os danos provocados às pessoas e ao município. Tais situações fizeram com que muitos órgãos do Estado se pronunciassem também de maneira mais responsável sobre a tragédia. Graças também ao conjunto dessas narrativas a contrapelo, as movimentações sociais locais ganharam também diferentes proporções e graus de emotividade, cuja oscilação no tempo e no espaço as transformou, de um discurso passivo ou elogioso que a população tinha sobre esta empresa e outras mineradoras locais para um outro

5 Este trabalho é uma síntese resultante da apresentação oral apresentada ao GT “Direitos humanos e descolonização na saúde” no dia 29/09/2019 realizado na UFPB em João Pessoa-PB durante o 8º Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde e da entrevista concedida à professora Inesita Soares Araújo e o professor Cássio Murinho em forma de vídeo intitulada “Mídias Locais e tragédia em Brumadinho: estratégias e táticas para a construção de novos sentidos” apresentada durante o congresso “Pentálogo X – Comunicação, aprendizagens e sentidos: difusão, mediação, interfaces, bifurcações” organizado pelo Ciseco – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação - na cidade de Japaratinga-Alagoas entre os dias 25 a 28 de novembro de 2019.

6 Pouco mais de sete meses depois da ruptura da represa de rejeitos de minério de ferro da empresa, ocorrida em 25 de janeiro, números da Secretaria Municipal da Saúde mostram aumento de suicídios e tentativas no município, principalmente entre mulheres. O quadro reflete a deterioração na saúde mental da população, comprovada por alta expressiva nas prescrições de antidepressivos e ansiolíticos, medicamentos utilizados para controlar ansiedade e tensão.

discurso em que aponta para as contradições deste tipo de empreendimento. Esse procedimento gerou no município diversos tipos de histórias, narrativas e de suportes comunicacionais seguindo o tom do que Walter Benjamin chamou de narrativas a contrapelo e de mídias táticas, como chamou Michel de Certeau. Concluindo, digo que nestes tempos pandêmicos e de intolerância política, devemos buscar avaliar e pensar a comunicação pelos diversos ângulos e valores que compõem a vida: a solidarieda-

de, a troca, a tolerância e o respeito mútuo, principalmente com tudo aquilo que é frágil como nos sugeriu o Papa Francisco em sua encíclica *Laudato si* anteriormente citada. Creio que este é o principal desafio imposto a todos aqueles que trabalham com o campo da Comunicação e Saúde que assume cada vez mais a necessidade de ser plasmado pelos valores de solidariedade, de inclusão e de participação tal como generosamente propugnado pelo SUS.

*Laudato si!*

